

## Acôrdio de Bretton Woods

CELSO DE MAGALHÃES  
Técnico de Administração

**D**UAS coisas são imprescindíveis ao progresso das nações: os Bancos e a estabilidade cambial.

O dinheiro é mercadoria igual às outras e, como tôdas as mercadorias, fica sujeito às trocas de compra e venda; os agentes dêsse comércio especial são os banqueiros.

Os Bancos compram e vendem dinheiro, isto é, aceitam dinheiro dos seus depositantes, descontam títulos, fazem empréstimos... pagando ou recebendo juros.

A atividade bancária é diretamente proporcional aos surtos da economia; quanto mais ativo um Banco, maiores benefícios dará aos setores econômicos aos quais estiver ligado: agricultura, comércio, indústria...

Nos países onde há Banco Central de Emissão, quando a atividade econômica vai em curva ascendente e há falta de numerário, o Banco faz moeda fiduciária, emite cédulas para atender às necessidades imediatas.

Não se deve, porém, confundir êsse dinheiro emitido com o papel-moeda que o Estado fabrica nos momentos de aperturas financeiras; o papel-moeda do Estado não é promessa de pagamento, nem é reembolsável em prazo conhecido ou determinado, ao contrário do que sucede com a moeda bancária.

O papel-moeda não tem lastro, mas as cédulas do Banco Central o tem; logo, são moeda-papel.

O Banco não as emite para desafôgo de aperturas financeiras, para livrar-se de situações difíceis, por vêzes ocasionadas pela incúria ou incapacidade administrativa, como o faz o Estado; o Banco as emite para atender a transações econômicas produtivas, e conforme as exigências do mercado.

O papel-moeda emitido pelo Estado não tem regulador de espécie alguma, e vai sempre num crescendo uníssono com as dificuldades do govêrno;

por isso o papel-moeda, quase sempre, prejudica a coletividade, ao invés de a beneficiar.

É êrro crasso julgar que a riqueza dum país depende da quantidade de dinheiro que circula dentro dêle: a abundância de dinheiro, por si só, não representa fartura econômica, bem estar; nem a falta de dinheiro significa, obrigatôriamente, miséria.

Fabricar papel-moeda não é, pois, aumentar a riqueza da nação. No caso do Banco Central, as emissões constituem valioso instrumento de impulso econômico e, então, devem ser feitas; no caso do Estado, as emissões são paliativos de ordem financeira e, então, devem ser evitadas.

Os pagamentos internacionais são feitos em ouro, pois só o ouro é moeda de curso universal, embora nem sempre circule e seja então representado pelas cambiais.

Se a procura do ouro vai além das possibilidades do Banco Central, necessário se torna comprar mais ouro para atender aos portadores das notas emitidas. Mas o difícil está em que a indústria da mineração só fornece ouro quando pode, e não quando quer.

O Banco recorre então às restrições do crédito: eleva as taxas de desconto, encarece o preço do dinheiro, diminui os prazos de empréstimos, exige maiores garantias...

Mas a restrição do crédito desvaloriza os títulos nacionais e encarece a vida, o que é um mal; por outro lado, facilita a entrada de capitais estrangeiros, aumentando a reserva ouro do país, o que é um bem.

Isso faz a política bancária uma das mais difíceis da ciência das finanças.

Os Bancos são os grandes impulsionadores da economia nacional; sem êles não haveria riqueza. O próprio comunismo russo, radical nos primeiros

tempos, não pôde proscrevê-los das concepções da N.E.P.

\*

\* \*

Qualquer nação, mesmo paupérrima, possui recursos para viver sem auxílio estranho; mas qualquer nação que assim viva passa privações e sofre duros sacrifícios.

Daí a razão das trocas internacionais, a origem do comércio entre as nações.

Mas, ainda que um país se bastasse a si mesmo, poderia não ser conveniente produzir, dentro dêle, o que o estrangeiro lhe forneceria em condições melhores, economicamente consideradas. Assim, o comércio internacional é de absoluta necessidade.

Todo país importa e exporta ao mesmo tempo; a diferença entre o valor do que entrou e o valor do que saiu dá o balanço comercial.

Nenhum país pode viver exportando, sem importar; ou vice-versa. Ambas as coisas estão de tal modo ligadas, que o exercício somente de uma conduz, mesmo contra a vontade dos homens, ao exercício da outra.

O ouro dos pagamentos internacionais não atende apenas às transações do comércio; há que atender também ao rendimento dos capitais estrangeiros, ao transporte das mercadorias, aos prêmios de seguros, às remessas feitas por imigrantes, às necessidades dos turistas, à amortização da dívida pública... Tudo isso exige remessa de ouro para o exterior, ou conduz ouro para o país.

A diferença entre todo o ouro que saiu e todo o ouro que entrou dá o balanço de pagamentos, que exprime a verdadeira situação econômico-financeira.

O *deficit*, ou o saldo dêsse balanço vai influir no lastro ouro do Banco Central (ou do Estado), aumentando-o, ou diminuindo-o.

Conseqüentemente, se nenhum país pode viver sem comércio internacional, se o comércio internacional influi no ouro que serve de lastro à moeda e se êsse lastro é fator importante na situação econômica nacional, conclui-se que o bem estar dum povo está intimamente ligado a seu balanço de pagamentos.

\*

\* \*

Se as moedas de cada país fôsem expressas na mesma quantidade de ouro, claro que tôdas teriam

o mesmo valor; mas como isso não sucede, a diferença existente constitui o câmbio, outro elemento importante na economia pública.

A moeda é medida de valor, como o litro é medida de capacidade e o metro, de extensão; mas ao contrário do litro e do metro, que são unidades fixas e estáveis, a moeda varia, assim como se o próprio metro ora esticasse, ora encurtasse.

Isso gera problemas de câmbio, porque, variando a moeda de um país, sua relação com a de outro também há de ficar alterada; varia a taxa cambial e a situação econômica sente os efeitos.

Se o câmbio baixar ou subir as transações internacionais serão prejudicadas, porque, não havendo estabilidade nos pagamentos, são sempre perigosos os negócios. O ideal consiste, pois, na estabilização do câmbio, ou, se impossível, nas oscilações ínfimas da respectiva taxa.

As questões bancárias e cambiais são decisivas no bem estar econômico e financeiro dum país; o bem estar dum povo é premissa necessária ao bem estar dos outros povos; assim, as questões relativas à moeda duma nação influem direta ou indiretamente na felicidade do mundo.

Mas o mundo tem demorado a compreender coisa tão simples.

\*

\* \*

A evolução das espécies é conseqüência de mutações nos genes dos cromosomas celulares. Não há mais dúvida que todos os caracteres biológicos e fisiológicos são sujeitos a modificações hereditárias determinadas pelos genes.

Os genes são considerados hoje como agregados químicos de tal importância no desenvolvimento do organismo, que podem até determinar estruturas e funções específicas.

Mas os genes também sofrem influência do meio, interno ou externo; assim, um contrôlo adequado do meio poderá transformar em dominante um fator recessivo, ou vice-versa, para usar os termos consagrados nas leis mendelianas.

Algumas variações genéticas — a maioria delas — se tornam fatais, ao passo que outras permitem ao organismo adaptar-se ao ambiente; a seleção natural nada mais significa senão êsse ajustamento do organismo ao meio, para sobreviver.

Hereditariedade e meio se completam de tal forma, que não é mais científico perguntar a qual

dos dois fatores cabe a predominância na evolução; qualquer caráter biológico é produto de um dado genes, quando opera em dado meio.

A maneira pela qual a natureza opera a modificação dos genes é ainda mistério; o modo de influir na evolução, uma incógnita; mas, alterado o genes, introduzida a mutação, o processo evolutivo já não oferece segredos.

\*

\* \*

O que é verdade para os indivíduos, também é verdadeiro para os grupos humanos; às sociedades também se aplica o conceito da seleção natural.

A evolução dos povos também se faz à custa de mutações provocadas por causas ainda desconhecidas e incontroladas, que operam lentamente, mas tão lentamente que a primeira impressão é a do estacionamento psíquico da humanidade.

A variação dos *genes coletivos* deve obedecer a causas múltiplas, entre as quais, porém, estão contidas as guerras. Indiscutivelmente a guerra é processo violento da evolução dos povos.

As duas guerras mais próximas de nós, a de 1914 e a atual, são provas disso: a de 1914 firmou novos conceitos sociais, assim como que humanizou um tanto mais as relações entre os homens; a atual está introduzindo novos conceitos econômicos e financeiros, sem falar no aperfeiçoamento dos outros que já encontrou.

\*

\* \*

Depois desta guerra, poucas nações estão aptas a cooperar na reconstrução e desenvolvimento do mundo; muitas não podem fazer por falta de recursos para investimentos internacionais.

Mas as poucas nações que o puderem fazer, serão obrigadas a prestar auxílio às que necessitarem, pois, em economia, a felicidade de um depende do bem estar dos outros.

Ora, os países emprestadores de capital, embora obrigados a atender aos reclamos da solidariedade, não poderiam ficar sem garantias de reembolso: os grandes riscos das operações financeiras deveriam ser igualmente distribuídos, de forma a recair tanto sobre os emprestadores, como sobre os tomadores reais ou virtuais.

E surge então o conceito novo da cooperação internacional na ordem econômica e financeira: não haverá país prestador.

Tôdas as nações se associam na constituição dum Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, com as seguintes atribuições:

- a) fomentar e facilitar os investimentos de capitais para fins produtivos, no período de transição entre a guerra e a paz;
- b) promover o investimento internacional do capital privado, por meio de garantias e participações em empréstimos;
- c) suprir as deficiências do capital privado, com recursos do próprio Banco;
- d) incrementar o comércio internacional, concorrendo para o equilíbrio do balanço de pagamentos.

Mas não basta criar o Banco para atender aos reclamos da economia internacional; a ordem financeira também influi na ordem econômica e está intimamente ligada às oscilações cambiais.

RICARDO imaginou o nível dos preços relacionado ao tradicional sistema do padrão-ouro; o equilíbrio, qualquer que fôsse a conjuntura, se restabeleceria, automaticamente, uma vez perturbado.

Ora, isso só poderia acontecer, se a única moeda em circulação fôsse o ouro, ou a nota conversível.

Cada país se esforçava, como na época mercantilista, em atrair o ouro que servia de lastro à moeda estrangeira, evitando, concomitantemente, a evasão do seu próprio metal acumulado.

Por esse motivo, a política monetária de cada país perdia toda a relação com a conjuntura econômica; se o período era, por exemplo, de depressão, e a política devia ser a do dinheiro fácil, a dos juros baixos, fazia-se justamente o oposto: dificultava-se o comércio do dinheiro, elevando os juros e restringindo o crédito, no objetivo único de defender as reservas ouro do lastro monetário.

Assim, só havia duas alternativas: ou se adotava a política mais conveniente aos interesses da conjuntura, ou se expunha o sistema às perturbações inevitáveis vindas do exterior.

Agora as nações já compreendem que tal processo só poderia trazer prejuízos gerais e, daí, a criação do Fundo Monetário Internacional, que servirá de lastro comum a todos os países associados.

Os Bancos Centrais ficam agora obrigados a estabelecer políticas monetárias que se harmonizem e não, como outrora, que se contrariem por acôrdos isolados na forma das célebres moedas de compensação.

A desordem monetária que prevalecia no período imediatamente anterior à guerra deverá desaparecer; as taxas cambiais passam a depender do Fundo Internacional, pois é das atribuições dêste:

“promover uma estabilidade cambial a fim de manter a ordem monetária internacional e evitar a concorrência de depreciações monetárias.”

Assim, o Fundo Monetário Internacional auxilia os países a corrigirem os desequilíbrios de seus balanços de pagamentos e a evitar as oscilações monetárias que prejudicam o comércio e o movimento dos capitais.

Tanto o Banco de Reconstrução e Desenvolvimento, como o Fundo Monetário Internacional, são elos duma só cadeia. Com efeito, a judiciosa aplicação dos investimentos internacionais — função do Banco — é fator preponderante no equilíbrio dos balanços de pagamentos — atribuição do

Fundo; por outro lado, a estabilização cambial — atribuição do Fundo, estimula e facilita os investimentos internacionais — função do Banco.

Em Bretton Woods, cujo acôrdo o Brasil acaba de ratificar, as nações unidas mostraram ter aprendido da guerra esta grande lição: o mundo econômico não tem fronteiras, e o mal de um acarreta sempre a desgraça dos outros.

Todavia, a criação dêsses dois órgãos superiores das finanças internacionais não significa, por si só, que todos os problemas do bem estar econômico-financeiro dos países estejam para sempre resolvidos. Há que levar em conta a honestidade, a capacidade e, sobretudo, a lealdade dos governos.

Êsse lado da questão também foi considerado: sofrerá sanções e será mesmo excluído do organismo internacional aquêle que, por má política, prejudicar os outros.

Assim, pouco a pouco, vão sofrendo mutações benéficas os *genes* que provocam a evolução dos povos; e a guerra é o grande instrumento dessas transformações.

Um dia virá em que, transformados todos os *genes*, homens e povos serão felizes.